



GT 44. Etnografias da música: dilemas e soluções empíricas e metodológicas

Coordenador(es):

Carla Delgado de Souza (UEL)

Marina Bay Frydberg (UFF - Universidade Federal Fluminense)

Para a antropologia da música, o trabalho de campo e, conseqüentemente, a escrita etnográfica não devem se ater a uma noção simplista da música como sendo exclusivamente som. Desde os anos 1980, crescem as etnografias que utilizam uma concepção ampliada de música, o que faz com que a ênfase dos estudos recaia sobre os fazeres musicais. Com isso, ganham sentido as etnografias que relacionam música com aspectos rituais, étnicos e culturais de grupos sociais distintos. Na busca por uma semântica musical que leve em conta os aspectos poéticos e sociais da música, também tem sido cada vez mais frequente a realização de etnografias da que revelem como os fazeres musicais são perpassados por marcadores sociais como os de raça, gênero e classe social. Entendendo que a antropologia da música está afinada com as proposições e discussões mais amplas presentes nas teorias antropológicas contemporâneas, pretendemos discutir, nesse GT, os dilemas enfrentados pelos antropólogos durante a realização de seus trabalhos de campo, que muitas vezes inspiram a experimentação de novas técnicas de pesquisa para a construção dos dados etnográficos, bem como para a posterior análise destes. O processo de escrita etnográfica tampouco é imune aos dilemas vivenciados pelo pesquisador. Nesse sentido, reflexões sobre as potências e os limites da escrita etnográfica sobre os fazeres musicais são bem vindas.

O caminho para o imprevisível: as descobertas iniciais de um músico-antropólogo na improvisação livre

Autoria: Guilherme Furtado Bartz (UFRGS - Universidade Federal do Rio Grande do Sul)

A improvisação livre vem se apresentando, nas últimas décadas, como uma proposta bastante inovadora em termos de performance musical. Ela pode ser vista como uma espécie de antissistema ou anti-idioma musical, na qual o objetivo é fugir dos territórios gramaticalizados encontrados nas práticas improvisatórias tradicionais. Ao contrário dos modelos que se movem dentro de fronteiras fortemente demarcadas ? jazz, blues, música hindu etc. ?, a proposta da improvisação livre é alargar ao máximo qualquer tipo de fronteira idiomática. O objetivo seria menos o de negar a existência ou influência de certos modelos estabelecidos, mas pensar a ?improvisação? a partir da acepção mais vasta desse termo, ou seja, como algo liberto de qualquer amarra ou constrangimento sonoro e estilístico. O presente work é resultado das reflexões iniciais do autor a respeito de seu primeiro envolvimento com essa prática musical, uma experiência etnográfica e etnomusicológica que corresponde a uma parte importante de sua pesquisa de doutorado em Antropologia, atualmente em andamento. O texto apresenta reflexões teóricas e descrições etnográficas derivadas da participação do autor no Núcleo de Música Improvisada da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), espaço no qual ele vem coletando boa parte dos dados etnográficos que farão parte de sua tese. Nessa experiência, o autor ? que também é músico e pianista ? deparou-se com um universo musical que lhe era completamente desconhecido até então. O que aqui se expõe, portanto, resulta também das razões para esse estranhamento, relacionado com a própria biografia musical do autor ? músico formado na tradição da música erudita, contexto no qual se observa, de forma muito significativa, o forte vínculo entre as partituras e as performances musicais. Na improvisação livre, ao contrário, sequer há partituras que norteiam as performances, o que de certa forma desorienta o músico acostumado com uma abordagem musical dita mais



?tradicional?. Na improvisação livre, diferentemente do que também se observa na música erudita, o objetivo não é interpretar obras acabadas ou mesmo criá-las de forma ?espontânea?, mas gerar um produto sonoro que é fruto do momento mesmo em que os sons são produzidos. Nesse contexto, ocorrem interações inesperadas em livres fluxos e transformações de materiais sonoros, num jogo praticamente sem regras. Podendo ser feita individualmente ou em grupo, a improvisação livre caracteriza-se por apresentar possibilidades múltiplas e caminhos que nunca estão dados de antemão, já que resultam de processos imprevisíveis em sua essência. O presente work procura refletir antropologicamente sobre estas e outras questões.



Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameacem a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: